

Mídia vazia: como a Veja online aborda a depressão¹

*Valesca Consolaro²
Jacir Zanatta³*

Resumo: O objetivo principal deste artigo é analisar como a depressão, uma das doenças mais incapacitantes do século XXI, está sendo abordada pela mídia brasileira. Utilizamos como objeto de estudo para esta pesquisa documental, os 53 exemplares do acervo digital da revista Veja do ano de 2016. Foram analisados 1384 anúncios publicitários e 1003 textos jornalísticos. De todo o material estudado, 21 textos citam a depressão de forma direta ou indireta. A metodologia utilizada na análise dos dados desta pesquisa documental tem como base um modelo qualitativo com foco na análise de conteúdo, buscando perceber como a revista de maior circulação nacional lida com a temática da depressão nos seus textos e anúncios. As transformações sociais, econômicas e culturais alcançadas na contemporaneidade modificaram as formas de constituição da subjetividade e, com isso, o mundo das imagens e do consumo, aliado ao volume excessivo de informações, substituiu a troca de experiências, causando o empobrecimento da vida interior e, conseqüentemente, a dificuldade de simbolização que leva à depressão. Por esta razão é importante entendermos como os profissionais da mídia estão se posicionando diante desta patologia. Percebemos na análise do material que a mídia nacional não valoriza e não aborda as ‘doenças da alma’, contribuindo para reforçar os preconceitos ligados às doenças psíquicas e o modelo biomédico de saúde-doença.

Palavras-chave: Depressão. Doenças Psíquicas. Cibercultura. Revista. Mídia.

¹ Artigo enviado na modalidade cibercultura e mídia

² Acadêmica de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e aluna pesquisadora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC/UCDB). E-mail: consolarovalesca@gmail.com

³ Doutor em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e mestre em Psicologia pela (UCDB). Formado em Psicologia pela (UCDB), Jornalismo pela (UFMS) e Filosofia pelas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT). Professor da UCDB, membro do Comitê Científico e vice-presidente do Comitê de Ética na Pesquisa (CEP/UCDB). E-mail: jacirzanatta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste artigo é fazer uma análise e relação de como a depressão, uma das doenças mais incapacitantes do século XXI, está sendo abordada nos textos do acervo digital da revista Veja. Para isso analisamos as 53 revistas publicadas no ano de 2016, 1384 anúncios e 1003 matérias jornalísticas. O foco principal dessa análise documental foram reportagens, entrevistas e notícias, pois queríamos ver como os jornalistas tem tratado a doença em seus textos. É importante ver como a depressão vem sendo tratada atualmente na mídia brasileira, pois como formadores de opinião e influenciadores de comportamento, os veículos de comunicação que tem grande audiência exercem um poder fundamental na vida dos indivíduos que atingem. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que em 2030 a depressão será a doença mais prevalente no mundo e que as mudanças dos estilos de vida são fatores que influenciam sobre esse aumento de casos da doença.

Bauman (2007) explica que ultimamente passamos por constantes mudanças e que não temos tempo para nada, damos prioridade para aparências, status, situação econômica, além de nos sentirmos constantemente inseguros. Nossas relações se tornaram líquidas, ou seja, não temos mais raízes, nem um ponto de referência para nos mantermos firmes diante das dificuldades que a vida impõe. Todas essas características estão influenciando para o desenvolvimento de doenças psíquicas como a depressão. Logo é importante que a mídia de uma atenção especial para assuntos como esse.

A fragilidade dos laços sociais e as constantes mudanças fazem com que o ser humano passe por um momento de transição e adaptação. A mídia e o advento da internet têm grande influência nessas mudanças psicossociais. É importante que as pessoas entendam esse contexto, inclusive profissionais de comunicação, que exercem grande influência sobre o corpo social, é preciso que estes estejam aptos a entender as novas dinâmicas da sociedade, além de compreender qual influência exercem sobre o comportamento das pessoas. Assim, este trabalho busca chamar atenção dos profissionais de comunicação, para que comecem a pensar na importância do cuidado ao produzir notícias sobre assuntos que envolvam problemas psíquicos como a depressão, não tratando como algo banal e quem sabe exercendo uma função social positiva sobre as pessoas que atingem com seus conteúdos.

2. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo com base em análise e interpretação de conteúdo que busca ver e fazer ver como o ser humano constrói o seu mundo a partir de significados e sentidos que se mostram e se ocultam na linguagem. Com esta breve introdução é possível notar que cada método possui uma maneira particular de constituir seu objeto de estudo. É dentro deste contexto que Spink (2011, p.115) defende que “vemos o mundo e o interpretamos a partir das viseiras de nossos preconceitos”. Caracteriza fundamentalmente a análise de conteúdo o fato de se tratar, ainda que soe redundante, de uma estratégia analítica, sistemática, objetiva e descritiva, que objetiva inferir as variáveis que condicionam a produção e a recepção dos dados, discursos e conteúdos analisados. No entanto, Deslandes e Gomes (2004) argumentam que para realizar esta tarefa os procedimentos analíticos deverão considerar desde aspectos semânticos, estruturais e sistêmicos até a articulação dos conteúdos com os mais diversos fatores contextuais que operam na sua produção e na sua compreensão.

Diante disso, optamos por desenvolver uma pesquisa documental, de base qualitativa buscando analisar o conteúdo dos textos jornalísticos e anúncios veiculados na revista Veja. Todo o levantamento de dados foi realizado no acervo digital da revista Veja e realizado a contagem de todas as matérias jornalísticas e anúncios publicitários publicados nas 53 edições. Os textos encontrados sobre o tema da pesquisa, no caso desta é a depressão, foram salvos e lidos. Os resultados obtidos estão descritos na discussão dos resultados deste artigo.

3. DEPRESSÃO

A cada dia que passa mais pessoas são diagnosticadas com a depressão. Ela é um transtorno que pode atingir crianças, adolescentes, adultos e idosos, ou seja, estamos suscetíveis à doença em qualquer período da vida. De acordo com Souza, Fontana e Pinto (2005, p.1), “a depressão aflige parcela considerável da população, independentemente de sexo, idade ou etnia, e tem se constituído o fator de maior prejuízo pessoal, funcional e social da atualidade”. A depressão surge muitas vezes sem a pessoa sequer imaginar o motivo. O dicionário de língua portuguesa Aurélio (2004, p.622) coloca que a depressão é um “distúrbio

mental caracterizado por adinamia, desânimo, sensação de cansaço, e cujo quadro muitas vezes inclui, também, ansiedade, em grau maior ou menor”.

Segundo o CID-10 (1993) os episódios depressivos podem ter três graus: leve, moderado e grave. Para fazer o diagnóstico da doença é necessário que ocorra pelo menos duas semanas seguidas de sintomas como humor deprimido, falta de ânimo, falta de prazer por coisas que antes eram interessantes, fadiga, cansaço excessivo, falta de concentração e de autoestima, sentimento de culpa e de inutilidade, não conseguir ter pensamentos positivos, ter problemas em relação ao sono e falta de apetite. O que diferencia os três graus de episódios depressivos são os tipos e gravidade dos sintomas que o paciente apresenta.

A depressão leve e a moderada são um pouco mais difíceis de compreender, essas são mais silenciosas do que a grave, porém causam tanto sofrimento quanto. Em um episódio depressivo leve o CID-10 (1993, p.119) mostra que o indivíduo “[...] está usualmente angustiado pelos sintomas e tem alguma dificuldade em continuar com o trabalho do dia-a-dia e atividades sociais, mas provavelmente não irá parar suas funções completamente”. Nas palavras de Solomon (2014, p.16), a depressão leve é “como a dor física que se torna crônica”. Esse tipo de depressão se instala e é como se fosse corroendo pouco a pouco a energia da pessoa afetada, mas não acaba com a o sujeito. Souza, Fontana e Pinto (2005) sublinham que embora a pessoa consiga dar continuidade em suas atividades diárias, estas se tornam um peso muito grande, exige um pouco de vontade própria e esforço.

No episódio depressivo moderado o deprimido “terá dificuldade considerável em continuar com atividades sociais, laborativas ou domésticas”. (CID-10 1993, p.120). Nesse caso é necessário que o sujeito tenha um pouco mais de esforço para levar suas atividades adiante. De acordo com Souza, Fontana e Pinto (2005, p.4) a pessoa “já não consegue manter-se bem e passa a ter pouca satisfação com eventos outrora agradáveis”. É possível perceber que nesse caso o deprimido já tem mais dificuldades e começa a perder o prazer pelas coisas. Já no episódio depressivo grave, o paciente apresentará tristeza profunda, angústia, euforia, “perda de autoestima ou sentimentos de inutilidade ou culpa, provavelmente, são proeminentes e o suicídio é um perigo marcante nos casos particularmente graves”. (CID-10, 1993, pp.120-121). A pessoa que sofre uma depressão grave perde o interesse por quase todas as coisas externas, inclusive aquelas que antes lhe causavam interesse.

Os motivos que levam uma pessoa a desenvolver depressão são diversos. Podem acontecer por fatores psicológicos ou biológicos. Wolpert (2003, p.77) sublinha que “é sensato pensar não numa causa única, mas, sim, na combinação daqueles fatores que tornam um indivíduo vulnerável e dos acontecimentos externos que podem desencadear um episódio depressivo.” Há estudos que mostram que até a religião e as estações do ano podem ter influência sobre a depressão. Wolpert (2003) coloca que a genética é um fator relevante quanto a doença, pessoas com pais ou familiares que já desenvolveram depressão têm uma pré-disposição maior. O autor explica que fatores culturais, problemas familiares, expectativas altas contra realidade chocante são fatores que também levam alguém a desenvolver esse mal. (Wolpert, 2003, p.86) defende ainda que “há uma forte correlação entre a depressão e a ausência de apoio social solidário”. Devemos lembrar também que acontecimentos vitais importantes como perda de um emprego e morte de um ente querido podem ter relação com o surgimento da doença.

Porém o autor coloca que esses acontecimentos pedem que seja analisado o contexto social, a experiências de vida e a genética da pessoa. Existem casos em que não houve nenhum fator vital desencadeante, mas que mesmo assim a doença se instalou. Conforme o pertinente entendimento de Nágera (2015), a depressão pelo ponto de vista da psicanálise é uma relação de ódio por causa de alguma perda, como forma de defesa essa raiva volta para si mesmo, como um autocastigo. Outros estudos defendem que a depressão pode ser endógena, ou seja, uma alteração causada por fatores hereditários que afetam o sistema nervoso e endócrino.

Ainda não se sabe com toda a certeza as causas da doença, não existe um exame que se possa fazer para que seja diagnosticada. Os autores apontam que cada organismo reage de uma forma diferente à doença e também aos tratamentos. Wolpert (2003, p.107) afirma que “o surgimento da depressão é o resultado de uma complexa rede de processos”. Conclui-se que a doença pode surgir por fatores diferentes que podem estar ligados ou não. Cada caso precisa ser analisado de forma particular.

O tratamento para a depressão é imprescindível, pois sem ele o deprimido pode acabar piorando o seu caso. A dificuldade de assumir que se tem um transtorno psicológico e que precisa ser devidamente tratado é uma das primeiras barreiras encontradas. É comum que as pessoas acreditem que a depressão não é uma doença e que não há necessidade de tratá-la. De

acordo com Souza, Fontana e Pinto (2005) há vários fatores que influenciam na dificuldade de fazer um bom diagnóstico. Um deles é o fato da pessoa não acreditar que está doente. Isso acontece principalmente nos casos leve e moderado, pois o sujeito acredita que é apenas algo temporário. Assim o deprimido busca explicações e justificativas em seus problemas cotidianos.

Para fazer o diagnóstico é necessário que um médico especialista analise a situação do sujeito e tome as devidas providências. Geralmente são usados como bibliografia auxiliar nesse trabalho, a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10 e o Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM. De acordo com o que está no CID-10

a diferenciação entre episódios depressivos leve, moderado e grave baseia-se em um julgamento clínico complicado que envolve o número, tipo e gravidade dos sintomas presentes. A extensão das atividades sociais e laborativas habituais é, com frequência, um guia geral útil para avaliar o grau provável de gravidade do episódio, mas influências individuais, sociais e culturais que perturbam uma relação direta entre gravidade dos sintomas e desempenho social são suficientemente comuns e poderosas para tornar desaconselhável a inclusão do desempenho social entre os critérios essenciais de gravidade (CID-10, 1993, p.119).

É importante que o depressivo tenha o acompanhamento de profissionais e que tome os medicamentos adequados, caberá apenas aos profissionais responsáveis decidirem qual será a medicação mais importante e se há ou não a necessidade de internação. De acordo com o DSM-5 (2014) há várias classificações em que os transtornos depressivos se diferenciam.

[...] transtorno depressivo disruptivo de desregulamentação de humor, transtorno depressivo maior (incluindo episódio depressivo maior) transtorno depressivo persistente (distímia), transtorno disfórico pré-menstrual, transtorno depressivo induzido por substância/medicamento, transtorno depressivo devido a outra condição médica, outro transtorno depressivo especificado e transtorno depressivo não especificado (DSM-5, 2014, p.155).

Todos esses transtornos citados têm alguns sintomas em comum, que são humor triste, sentimento de vazio, irritabilidade, alterações somáticas e cognitivas que interferem no modo de viver do paciente. O transtorno depressivo maior ou grave é considerado o clássico dentre esses apresentados.

De acordo com Souza, Fontana e Pinto (2005, p.9) “o tratamento apresenta uma relação direta com o diagnóstico”. Ou seja, é necessário que desde o começo as medidas certas sejam tomadas para um resultado satisfatório. Conforme apontam Souza, Fontana e Pinto (2005), aqueles que buscam o tratamento médico irão se deparar com pelo menos três tipos de tratamentos mais comuns: tratamento farmacológico, psicoterapia e em casos mais graves o uso da eletroconvulsoterapia.

4. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Realizamos uma pesquisa utilizando o acervo digital da revista veja publicado no ano de 2016, o principal objetivo foi ver como a revista de maior circulação no Brasil tem tratado as doenças psíquicas, mais especificamente a depressão, em suas notícias. Utilizamos como objeto de análise entrevistas, reportagens e notícias. Assim foi realizada a leitura dos textos que falavam ou citavam a depressão como doença. Ao todo foram 53 revistas analisadas, 1003 matérias e 1384 anúncios. Em 20 revistas continham textos que citavam ou falavam da depressão, assim foi feita leitura de 21 matérias encontradas, e com base nessas, observamos como a doença é tratada pelos profissionais de comunicação. Ao observar os anúncios percebemos que nenhum era voltado para a depressão.

Em janeiro foram publicadas quatro revistas, destas, duas citavam a depressão. A primeira saiu no dia 06 de janeiro, na edição 2459, pág. 94, com o título “Pantera cheia de gás”, se trata de uma reportagem realizada com a cantora Marina Lima, em que ela revela novidades de sua carreira, a depressão é apenas citada no texto quando se refere a uma especulação de que a artista teria passado por um período deprimido, mas ela nega e não se fala mais no assunto.

A próxima notícia de janeiro foi publicada no dia 13 de janeiro, na edição 2460 pág. 80 a 87, “Receita-se uso diário de videogames”. Nessa reportagem é revelado o uso de jogos como complemento ou alternativa para tratamentos de problema físicos e mentais. O texto chama a atenção para o aumento do uso de remédios calmantes como a Ritalina e o Adderall, mostrando os efeitos colaterais que esses podem causar como a depressão, logo um novo tranquilizante que tem sido indicado por médicos é o uso diário de videogames. Em outra

parta da reportagem é revelado que alguns jogos casuais como os do facebook reduzem os sintomas de depressão em até 57% dos pacientes, de acordo com o texto esses jogos diminuem sentimentos como tristeza, desesperança, pessimismo, culpa, entre outros. Aqui a depressão foi um pouco mais abordada, mas não foi o gancho principal da notícia.

Não foi encontrado nenhum texto que citasse a depressão no mês de fevereiro. No mês de março foram lançadas cinco revistas e foi encontrada uma reportagem que citava a depressão, publicada no dia 23 de março, na edição 2467, pág. 88 a 95, a matéria “Envelhecer no século XXI”, aborda a realidade enfrentada por pessoas idosas e familiares, mostrando as dificuldades e detalhes sobre esse processo. Durante o texto são mostradas personagens que aceitaram falar um pouco de suas vidas. A depressão é apenas citada em uma parte que fala sobre o fato de que famílias que se preparam para a chegada da velhice sofrem menos com stress, depressão e ansiedade.

Analisando o mês de abril vimos que cinco revistas foram publicadas, em duas saiu algo sobre a doença, com três matérias neste mês. Na edição 2472, de 06 de abril, pág. 89 a 91, a reportagem “Chega de padecer no paraíso”, fala sobre mães que não romantizam a maternidade e que expõem seus sentimentos e frustrações com relação a criação dos filhos, a doença é citada no texto quando fala sobre as atuais avaliações de controle para a depressão em mães, principalmente sobre a atenção que esse problema merece.

Lançada no dia 20 de abril, na edição 2474, pág. 90 a 93, a primeira matéria desta edição “Uma luz contra a enxaqueca” fala sobre a enxaqueca e os problemas e tratamentos passa esse mal. A depressão aparece no texto sendo comparada com a enxaqueca por entrarem na lista de doenças mais incapacitantes, ao lado de tetraplegia psicose e demência. Depois é mostrado no texto que remédios para a depressão costumam ser utilizados no tratamento para a enxaqueca. A segunda matéria encontrada nesta edição estava nas páginas 94 e 95 com o título: “O que é ser menina na era digital”. O texto aborda sobre como o universo tecnológico e as redes sociais têm influenciado no comportamento e na forma de meninas se enxergarem, o texto revela que não conseguir curtidas em uma publicação pode gerar ansiedade e depressão, mas o gancho da reportagem é o comportamento das meninas de hoje frente as redes sociais.

Foram publicadas quatro revistas em maio e saiu uma matéria citando a depressão, na edição 2478, do dia 17 de maio, nas páginas 98 e 99, com o título “Beleza que não se reflete”,

a reportagem tem como gancho abordar um transtorno psiquiátrico chamado transtorno dismórfico, que faz com que algumas pessoas se vejam de forma diferente no espelho, geralmente mais feias, maiores, com manchas, etc. O texto revela que o transtorno geralmente vem acompanhado de mais algum problema psicológico, mostrando que 90% dos pacientes também tem depressão. Outro mês que não fez nenhuma citação a depressão foi junho. No mês de julho teve quatro revistas publicadas e um texto citou a depressão na edição 2488, do dia 27 de julho pág. 109. Aqui a depressão aparece em uma crítica de álbum do cantor Maxwell, no texto diz que o artista passou pela doença devido a decepções sofridas durante a carreira.

No mês de agosto a Veja publicou quatro revistas e duas matérias citavam a depressão. A primeira saiu no dia 10 de agosto, na edição 2490, página 108, aqui a depressão é citada em uma resenha do filme “A intrometida”. O foco de análise foi durante todo momento entrevistas, reportagens e entrevistas, mas demos atenção a todo e qualquer texto que citasse a depressão também, por isso esta resenha também entra na discussão. O segundo texto de agosto saiu dia 24 de agosto, na edição 2492, páginas 84 a 87, a reportagem “Chorão, sim, e daí?” fala sobre a carreira e vida do ginasta Diego Hypolito, a depressão é citada no texto ao revelar que o atleta já sofreu de depressão e como superou a doença e os problemas da carreira.

Em setembro foram publicadas cinco revistas e duas matérias citavam a depressão. A primeira saiu na edição 2494, no dia 07 de setembro, páginas 90 a 92. A reportagem “Sou recordista mundial, gente!” teve como gancho mostrar a história de vida e carreira da atleta paraolímpica Silvânia Costa, durante o texto a entrevistada cita que a mãe já teve depressão. O segundo texto deste mês saiu na edição 2495, no dia 14 de setembro, páginas 90 a 93, com o título “O resgate da esperança”. Nessa reportagem é abordado um estudo que promete um medicamento mais eficaz no tratamento da depressão, a substância se chama escetamina. É o primeiro texto de 2016 que fala especificamente sobre a depressão, o gancho principal são os medicamentos antidepressivos, mas a doença é bem abordada no decorrer do texto.

Já no mês de outubro quatro revistas foram publicadas e três matérias citaram a depressão. A primeira foi na edição 2498, do dia 05 de outubro, páginas 100 a 103, “É tempo de se conectar”, fala sobre idosos que tem se conectado com a internet através de novas tecnologias, redes sociais e jogos, durante o texto é revelado que o uso adequado dessas

plataformas tem ajuda os idosos a se sentirem mais produtivos e menos solitários, diminuindo os índices de depressão e outros problemas de saúde.

Na edição 2499, de 12 de outubro, página 79, a matéria “Tive de nojo de mim”, é um texto contado em primeira pessoa feito pela cantora Patrícia Marx, em que ela revela os problemas e traumas de ter sido uma estrela durante a infância, a artista fala que sofreu de uma depressão profunda por causa das pressões e exposição que passou. O terceiro texto deste mês saiu na edição 2501, dia 26 de outubro, páginas 95 a 100. É uma reportagem que conta detalhes sobre a vida e carreira de Santos Dumont, a doença é citada no texto ao tocar no assunto da morte do aviador, que teve depressão e cometeu suicídio.

Novembro foi o mês que mais citou a depressão, em quatro matérias. A primeira saiu dia 02 de novembro, na edição 2502, páginas 49 a 53, com o título “A vida no complexo penal de Curitiba”, a reportagem fala sobre a penitenciária em que se encontram 11 presos da Lava-Jato, mostrando as condições vivem. A doença é apenas citada no texto ao falar de um dos condenados que sofre de depressão. O próximo texto foi publicado dia 09 de novembro, na edição 2503, página 37, é uma nota bem curta falando de uma entrevista da cantora Adele falando que já teve depressão pós-parto.

O terceiro texto foi publicado dia 16 de novembro, na edição 2504, páginas 85 a 91, a reportagem “Mentes em choque” revela o cotidiano do hospital de tratamento psiquiátrico Instituto Bairral. O texto revela histórias de pessoas que se encontram em tratamento no local e aborda algumas doenças assim como a depressão. Aqui a depressão recebe um pouco mais de atenção do que na maioria dos que foram lidos, mas não é tratada como enfoque principal. O quarto texto deste mês foi publicado no dia 23 de novembro, na edição 2505, página 30, é uma carta do leitor de elogio a reportagem sobre o Instituto Bairral, o leitor revela que a mãe passou pelo hospital quando teve depressão.

Dezembro teve quatro revistas lançadas e duas matérias citaram a depressão. A primeira saiu dia 14 de dezembro, na edição 2508, páginas 76, com o título “Ia acontecer” o texto fala sobre a prisão da ex-primeira-dama do Rio devido a Lava-Jato e revela a vida luxuosa que Adriana levava antes. A depressão aparece quando é citado que a prisioneira faz uso de remédios para depressão. O segundo texto deste mês saiu no dia 28 de dezembro, na edição 2510, páginas 111 a 113, a reportagem “A nova face da nova fama”, revela a vida e carreira do youtuber Júlio Cocielo. O jovem revela que começou a fazer os vídeos para tentar

sair da depressão que passou após a morte do pai, mas não se fala mais da doença no texto. Não foi encontrado nenhum texto que citasse ou falasse da depressão nos meses de fevereiro e junho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas leituras feitas pode-se perceber que a depressão não recebe muita atenção nos textos jornalísticos da revista Veja. Dos 1003 textos, apenas 21 textos citam a depressão. Destes só dois abordam a doenças de forma direta, os demais textos a depressão aparece de forma indireta. Com esse levantamento podemos perceber que as matérias jornalísticas encontradas nas 53 edições do acervo digital da revista Veja, são produzidas sob um modelo biomédico que aborda questões de causa e efeito. Os textos não apresentam uma preocupação com a prevenção e os textos são produzidos a partir de uma concepção medicamentosa da depressão. Os dados obtidos mostram que o assunto ainda é pouco tratado entre os profissionais da mídia. A análise de conteúdo dos textos nos permite concluir que os profissionais apenas citam a depressão dentro de outros temas. Não conseguimos perceber por parte dos jornalistas uma preocupação em abordar os temas levando em consideração a prevenção e buscando romper com o modelo biomédico de causa e efeito. Desta forma, concluímos que a mídia está mais preocupada com a publicação de notícias factuais, ou seja, apenas o que está acontecendo no momento.

Percebe-se que a saúde encontra-se vinculada às questões do ambiente concreto no qual o sujeito está inserido, ressaltando que as condições do contexto têm influência na vida psíquica do indivíduo. Ou seja, percebe-se aqui que a mídia impressa não só contribui para divulgar um conceito, mas trabalha para sua manutenção. Sendo assim, entendemos que a saúde de uma população é, portanto produto da morbidade ressentida socialmente e da morbidade diagnosticada pelos serviços de saúde. Pelo exposto é possível concluir que além de acarretar incapacidade, a depressão causa sofrimento, sobretudo ao afetado, mas em alguma medida, aos que o cercam. Pelo exposto é possível concluir que a questão da saúde depende mais dos interesses e da ideologia dos grupos políticos e economicamente poderosos que controlam a mídia, do que de sua validade médica ou científica.

REFERÊNCIAS

- CID-10. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10:** Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Coord. Organização Mundial da Saúde. Porto Alegre: Artmed, 1993.
- DESLANDES, Suely Ferreira & GOMES, Romeo. A pesquisa qualitativa nos serviços de saúde. Notas teóricas. In Bosi, Maria Lúcia Magalhães & Mercado, Francisco Javier (Organizadores). Pesquisa qualitativa de serviços de saúde. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004, pp. 99-120.
- DSM-5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais:** DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa.** Curitiba: Positivo, 2004.
- NÁGERA, Vallejo. **Diante da depressão.** São Paulo: Ideias e Letras, 2015.
- SOLOMON, Andrews. **O demônio do meio-dia:** uma anatomia da depressão. São Paulo: Companhia de Letras, 2014.
- SOUZA, Juberty Antônio; FONTANA, Jorge Luiz e PINTO, Marilda Alves. In. SOUZA, Juberty Antônio; AYACHE, Danusa Céspedes Guizzo e HORIMOTO, Fabiano Coelho. **Depressão:** diagnóstico e tratamento pelo clínico. São Paulo: Roca, 2005.
- SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In. GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (orgs). Textos em representações sociais. 12ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- WOLPERT, Lewis. **Tristeza maligna:** a anatomia da depressão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ZYGMUNT, Bauman. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.